

É uma fase em que os interesses econômicos externos se voltam para os países atrasados por três motivos: porque são fontes de matérias-primas; porque são áreas adequadas aos investimentos de capitais exportados; e porque são mercados consumidores dos produtos manufaturados fornecidos pelos países industrializados. Seus interesses são de manter os países atrasados como dependentes, isto é, com a estrutura econômica imutável; daí o lema do “essencialmente agrícola”; aqueles países atrasados colocam-se como simples apêndices das economias centrais, com atividades econômicas complementares daquelas que estas desenvolvem. Trata-se, assim, de um desenvolvimento capitalista dependente e desequilibrado, extremamente sensível às pressões externas.⁷²

É interessante verificar como existe paralelismo entre o desenvolvimento das relações capitalistas, no Brasil, acompanhando o desenvolvimento industrial, e o processo inflacionário; esse paralelismo assinala a utilização da inflação como mecanismo de transferência de renda, dos que trabalham para os que detêm capital: a cumulação se faz, pois, desde velhos tempos, particularmente à custa do salário. Embora a inflação brasileira seja crônica e marcada por etapas diferentes, às vezes persistindo certa estabilidade de preços, às vezes ocorrendo períodos de aceleração, destaca-se esta aceleração a partir do início da industriali-

num serviço de manutenção que pode dar origem a importantes instalações mecânicas ou simplesmente a oficinas artesanais mecânicas onde se forma uma mão-de-obra especializada. Esse tipo de industrialização pode ser insignificante em pequenos países, mas alcança dimensões consideráveis quando a economia exportadora é de grande vulto. Trata-se aqui de uma industrialização diretamente complementar das atividades de exportação, que se expande ou contrai em função destas e que dificilmente chega a desempenhar um papel *autônomo*. Existe, porém, uma outra faixa de atividades industriais que surgem nessa mesma fase: são manufaturas complementares das importações ou induzidas pelos gastos dos consumidores. (...) Esse conjunto de indústrias desenvolveu-se de forma significativa no Brasil, já no último quartel do século passado, graças à dimensão relativamente grande do mercado interno, à abundância de matérias-primas locais e a medidas protecionistas casuais ou voluntárias”. (Celso Furtado: *Análise do Modelo Brasileiro*, Rio, 1972, p. 15/16).

⁷² “Quase todo o investimento estrangeiro nos países atrasados foi feito em empréstimos aos governos (em grande parte para a polícia, exército e obras públicas); transporte e comunicação (principalmente estradas de ferro, é claro); mineração; e a produção de matérias-primas agrícolas padronizadas. O investimento em tais linhas, tomado juntamente com a importação de artigos manufaturados baratos (principalmente bens de consumo) vindos do exterior, forçou naturalmente um modelo especial de desenvolvimento nos países atrasados. As economias preexistentes foram conturbadas, os plantadores camponeses erradicados, artesãos privados de seus meios de vida. O capital nativo — a pequena parcela restante do mesmo — dirigiu-se em geral ao comércio ou aos empréstimos, porquanto os obstáculos ao crescimento de uma indústria nacional se mostravam na maioria insuperáveis. (...) O impacto econômico do imperialismo sobre o país atrasado pode ser resumido como se segue: 1) exploração pelo capital estrangeiro das riquezas naturais do país, muitas vezes com uso dos métodos mais modernos em larga escala, mas afetando diretamente apenas pequena proporção dos habitantes; 2) criação de um sistema de transportes mas com vistas a carregar as coisas para fora do país e não para seu próprio povo; 3) estagnação da indústria e ruína do artesanato; e 4) deterioração constante da agricultura”. (Paul M. Sweezy: *Ensaio Sobre o Capitalismo e o Socialismo*, Rio, 1965, p. 105/106).